

Poesia e santidade: alguns contributos para uma percepção do conceito de santidade, a partir de duas biografias devotas de religiosas do século XVIII português

De entre a globalidade e a diversidade das biografias de religiosas redigidas ao longo dos séculos XVII e XVIII em Portugal, umas impressas, outras manuscritas, há, pelo menos, dois relatos que, pela sua particularidade dentro da tipologia do género, apresentam um carácter de singularidade que os torna merecedores da nossa atenção.

Referimo-nos à *Vida E Obras Da Serva De Deos A Madre Marianna Josefa Joaquina De Jesus, Religiosa Carmelita Descalça Do Convento De Santa Teresa Do Lugar De Carnide*, obra anónima, editada em Lisboa, na Regia Officina Typografica, em 1783 e a *Clamores Do Ceo Aos Corações Da Terra. Relação Abreviada Da Exemplar Vida, e Obras da Veneravel Esposa de Jesus Christo, A Muito Reverenda Senhora Sor Thereza Juliana De S. Boaventura, Religioza Do Muito Nobre Mosteiro De Santa Clara desta Cidade de Lisboa*, composta pelo Padre Francisco Xavier e editada em Lisboa em 1752, na Oficina de Francisco da Silva.

Trata-se, de facto, de duas biografias devotas¹, com objectivos claramente enaltecedores da virtude, da exemplaridade moral e religiosa e mesmo da santidade (assim é proposto claramente pelos biógrafos, nos dois textos que nos ocupam...) das religiosas biografadas, onde a segunda parte da biografia constitui um acervo da produção poética religiosa desenvolvida por cada uma destas duas monjas, ao longo da sua vida de clausura.

¹ Distinguimos aqui a biografia devota da biografia sacra, no sentido em que esta última se reporta à vida de santos canonizados e com culto autorizado e a primeira se ocupa de pessoas virtuosas a quem o vulgo reconhecia auréola de santidade, mas cujo culto não era oficialmente autorizado (para o conceito de biografia sacra, veja-se J. Thomas HEFFERNAN, *Sacred biography, Saint's and their biographers in the Middle Ages*, Oxford, 1988. Sobre a problematização do conceito de biografia devota para o século XVII, ver Maria de Lurdes FERNANDES, *Entre a Família e a Religião: A "Vida" de João Cardim (1585 - 1615)*, in *Lusitania Sacra*, 2ª série, Tomo V (1993), 93-120). Tal aferição da dimensão de santidade realizada pelo povo e, no caso vertente, pelos amigos da religiosa, articula-se com o fenómeno cultural de ampla abrangência, a que Gabriella Zarri designou por "santas vivas", e cuja função, para a sociedade italiana, a autora procurou explicitar em *Le Sante Vive, cultura e religiosità femminile nella prima età moderna*, Torino, 1990.

Aqui reside um dos factores constitutivos da novidade destes relatos. A circunstância da edição destas poesias de religiosas no interior das suas biografias reveste-se, parece-nos, de um duplo interesse, resultante quer do facto de serem editadas – lembremos o quanto a poesia monástica feminina permaneceu, na sua maioria inédita, acabando, em muitos casos, por se perder... – quer do facto de constituírem um objecto de destaque, em corpo separado, intitulado "Obras" ou "Segunda Parte – Obras", no âmbito de textos – as biografias devotas – cujo quadro de objectivos se encontrava, por esta ocasião, já bem delimitado e que pretendia, em moldes gerais, dar a conhecer e a "aprender a ciência dos santos".

De facto, o manancial de biografias devotas inscrevia-se dentro das expectativas de leitura que, na época, este género literário procurava configurar e que aparecem mesmo explicitadas nos variados textos preliminares que as antecedem: a construção de um modelo persuasivo de exemplaridade, a suscitar um comportamento mimético, o enaltecimento de certas ordens religiosas, o louvor a Deus, a função de despertador para a vida espiritual e a fundamentação da fama de santidade da biografada. Ora, a interpretação dos sinais de santidade conheceu uma subida em flecha durante o século XVIII, época em que, a partir de 1723, o contexto da Jacobeia construiu e solidificou predisposições ascéticas e reformadoras e ordenou completos programas de renovação da vida espiritual, com vista à constante presença de Deus na alma cristã e cujos frutos deviam começar a manifestar-se na sociedade portuguesa. É evidente que, também pelos finais do século XVII, se volta a desenhar, no universo espiritual português, o receio dos falsos misticismos e este pavor refreia algumas apreciações de santidade, que correm o risco de serem consideradas como tendenciosamente heréticas². De qualquer modo, o progresso na vida espiritual e a determinação de evoluir e progredir no amor de Deus não deixa de caracterizar o quadro da vida monástica feminina portuguesa, ainda que esta seja marcada por sofridos processos de escrúpulos, desconfianças e inimizades.

Do mais comum repertório de traços configuradores da santidade constam milagres, poderes taumatúrgicos, estigmas, martírio, dom profético, êxtases, levitações, visões, aparições, traços que se somatizam às virtudes e graça dos biografados, como o amor à penitência, a oração constante, a pobreza, a capacidade de suportar o martírio ou as provações, a castidade, a obediência, a humildade, o desprezo do mundo e de si próprio, o zelo nas

² Sobre o ambiente em torno dos receios da oração contemplativa e das suas consequências, no séc. XVII, veja-se Pedro TAVARES, *Portugal e a condenação de Miguel de Molinos: impacto e primeiras reacções*, in *Via Spiritus*, Ano 1 (1994), 157-183.

coisas da fé, etc. Estes constituem os travejamentos mais divulgados na emanação dos modelos de santidade, se bem que alternem e se intercalem com maior ou menor vigor, ao longo dos séculos, em função dos parâmetros de santidade dominantes ou com maior receptividade, em cada sociedade.

No século XIV, e mesmo antes, na Europa, alguns modelos do comportamento santo aproximavam-se do modelo de comportamento cortesão, aristocrata³. Talvez a longo prazo, esta aproximação entre santidade e aristocracia vá determinando, nos mosteiros femininos, tão permeáveis a modelos e condutas, a eclosão valorativa de uma prática cultural de raízes bem cortesãs: a poesia. Não esqueçamos que, principalmente nas grandes cidades ou junto a elas, muitos mosteiros se celebrizaram pela origem aristocrata das suas professoras e que a generalidade da poesia monástica feminina conhecida tem como autoras as religiosas nascidas nas mais conceituadas famílias do Reino, cuja educação, iniciada na corte, nelas condicionou certamente a sensibilidade às "virtudes" do discurso poético, que entretanto utilizaram no claustro com uma pretendida exclusividade e utilidade devotas.

Mas, preocupando-nos agora sobretudo a percepção dos sinais de santidade pelos contemporâneos destas biografadas, e atendendo a que, como acima referimos, a biografia devota cumpre uma função de exemplaridade e até de promoção da devoção ao modelo de vida da biografada, como deveremos interpretar, neste caso, a consideração e a inserção da produção poética de duas religiosas na redacção das suas *Vidas*? Como ler a relação que explicitamente estas duas biografias estabelecem entre a vida e os versos? Que funcionalidade parece estar atribuída à poesia, na redacção do relato exemplar? Por que razão o acto de fala testemunhal que enforma este género de textos se preocupou em inserir exemplos directos, porque discursivos, da relação da religiosa com Deus? Trata-se de questões a que, ainda que de modo fragmentário, tentaremos responder.

A biografia devota tornou-se nos séculos XVII e XVIII um género institucionalizado, que, por esse facto, se constituiu, simultaneamente, no modelo de outras escritas e também num horizonte de espera para os leitores, sequiosos de aí encontrarem exemplos extremos do amor a Deus e marcos que de alguma forma dessem a perceber a santidade que a alma biografada foi chamada a viver ao longo da sua vida.

Como diz Todorov, é através da institucionalização que os géneros comunicam com a sociedade em que aparecem, pois "como qualquer instituição, os géneros destacam as características constitutivas da sociedade

³ Sobre a associação santidade e aristocracia, ver André VAUCHEZ, *La Sainteté en Occident aux derniers siècles du Moyen Age*, Roma, 1988, especialmente o livro II, 1ª parte.

a que pertencem"⁴. No caso dos conceitos e paradigmas de santidade emanados das biografias, sejam elas devotas ou sagradas, não devemos esquecer que eles se constroem em articulação com a definição ou, mais propriamente, com a visão do que era o santo ou o virtuoso, em dado momento, para a colectividade sua contemporânea. Esta definição era sempre cautelosamente elaborada e proposta pelo biógrafo, consciente de que construía um perfil de santidade a uma "santa viva"⁵, ou, mais correctamente, a uma viva que consideraram santa, fazendo-o na tensão entre a originalidade e expressividade de cada vida e os limites do aceitável ou do permitido pela hierarquia da Igreja e pelo consenso da sensibilidade das pessoas.

De todo o modo, é sempre como "presença significativa num ambiente que lhe reconhece um papel social preciso e lhe atribui um valor cultural que é proposto como modelo de imitação"⁶ que a biografada é focalizada, sendo por isso a biografia a enumeração comprovativa ou demonstrativa da sua virtude. São obviamente diferentes de biografia para biografia – se bem que entre todas elas se possa determinar uma tabela de constantes... – os elementos aduzidos na aferição da exemplaridade. É que o homem que responde a Deus pelo amor constitui uma realidade pluridimensional e por isso a sua auto-realização moral e religiosa aparece determinada por diferentes modos de comportamento distintos entre si (virtude, justiça, virgindade, humildade, amor ao próximo, etc.). Deus, de facto, interpela o homem não só no mandamento do amor, mas também numa série de mandamentos particulares que correspondem à realidade multifacetada de cada ser humano e que a biografia ou o relato hagiográfico procuram reter.

O século XVIII legou-nos a obra poética destas duas religiosas, através da sua edição, no interior de biografias que denunciam logo desde o início a sua intenção: exaltar a santidade a que chegou a vida das religiosas em causa. Essa inclusão do grosso da produção poética religiosa na segunda parte destas *Vidas* leva-nos a colocar a hipótese da relação que em pleno século XVIII se poderá ter estabelecido entre poesia e santidade. A colocação dos versos no final das obras, oferece-se à interpretação do leitor como a exibição de um aparato de santidade, ou, talvez melhor, da perfeição atingida por estas religiosas, que, como dizia de S. Domingos um seu biógrafo "só falavam de Deus ou com Deus".

⁴ Cf. Tzvetan TODOROV, "A Origem dos Géneros", in *Os Géneros do Discurso*, Lisboa, 1978, 53.

⁵ Ver, mais acima, nota 1.

⁶ Traduzimos a afirmação de Gabriella ZARRI, a propósito da definição do papel social do santo, extraída de *Le Sante Vive*, op. cit., 87.

Aliás, esta referência à prática poética de religiosas, no contexto da exaltação das suas virtudes, não constitui novidade, sendo um processo recorrente em hagiológicos, memoriais, martirológicos e crónicas monásticas, obras de onde defluíam paradigmas de santidade. Pense-se na *Crónica Seráfica* de Frei Jerónimo de Belém, ou no *Agiológico Lusitano* de Jorge Cardoso, ou no *Jardim do Céu* de Maria Benta do Céu ou no *Jardim de Portugal* de Frei Luís dos Anjos ou na *Crónica de Carmelitas Descalços*, por exemplo⁷. Aí se referem, e não raras vezes se transcrevem, versos de certas religiosas, como testemunho comprovativo da sua especial intimidade com Deus, mesmo que tais versos não possam ser situados no filão mais dignificante de uma poesia mística. Mas a poesia em geral, ou até mesmo os versinhos de ocasião, cumpriam no interior do convento uma função pedagógica inalienável das caminhadas espirituais e do desimpedimento interior, que tantas vezes obstruía o progresso nas vias do Senhor.

O papel que a poesia exerce de facto na manutenção e progressão da vida espiritual das religiosas aparece várias vezes referenciado, independentemente dessa produção poética ter ou não uma origem especificamente conventual. Aliás, são conhecidos os casos em que religiosas menos dotadas para a poesia solicitaram a outras religiosas ou ao seu director espiritual, considerados mais hábeis no manejo da bitola métrica, que lhes oferecessem versos que as ajudassem num ou noutro ponto mais difícil da metodologia necessária à oração. Lembremos o caso de Domingas da Cruz, citado na vida manuscrita da mesma, onde se informa o seguinte: "Sendo a hora do comer de tormento para ella pediu a o seu Padre, quizesse fazer huns versinhos deste taõ admiravel successo, para haver de cantar, quando se achasse de modo para isso em sua casa: o que elle fez, por dar-lhe gosto"⁸.

Assim, julgamos que, por maior que fosse a originalidade destes autores ao reunir, nestas biografias de religiosas, as produções poéticas das mesmas, exclusivamente dedicadas a Deus ou resultantes de um particular e especialíssimo convívio com Deus, tudo indica que a prática poética é vista, por estes biógrafos, também como um elemento da percepção selectiva que reconhece nas biografadas uma reputação de santidade. Tal facto é ainda, parece-nos, um sintoma de que a consciência da grandeza deste traço preexistia de algum modo na consciência da sociedade da altura e na sua sensibilidade a estas manifestações de virtude e santidade. As encomendas régias e aristocráticas realizadas pela sociedade de corte a certas religiosas poetisas, com fama de virtuosas, atesta bem o impacto social da poesia

⁷ Obras editadas, respectivamente, em 1755, em 1652-1678, em 1766, em 1626 e em 1657.

⁸ Vide Ms. 1579, fl. 454 a 457 da B.G.U.C.

monástica feminina e a valorização que dela era feita por um círculo extremamente crente e propício às suas devoções privadas, mesmo que não institucionalizadas⁹.

Por isso, se bem que a organização das biografias seguisse um percurso mais ou menos semelhante, na sua generalidade (lembramos a estrutura que abrange normalmente o itinerário do nascimento à morte, referindo a conversão ou a predisposição para a santidade desde a mais tenra idade e os sucessos que, *post mortem*, confirmam a presença actuante da biografada, através de aparições, visões, intervenções sobrenaturais e poder taumatúrgico dos seus objectos de uso pessoal), a tipologia discursiva e as modalidades enunciativas e estruturais que a enformam fazem da biografia devota um género multifacetado e diverso, que urge estudar na sua especificidade e interpretar nas suas particularidades.

Nos casos pendentes, poderá afirmar-se que, ao encerrar a biografia com a produção poética das religiosas, cada um destes biógrafos de alguma forma silencia ou relativiza a sua própria voz, para dar um lugar definitivo à voz poética da biografada, depois do discurso do biógrafo ter construído, ao longo dos diversos capítulos, a sustentação da autoridade com que o leitor recebe e escuta a voz da religiosa em questão.

Assim, a circulação de poesia religiosa feminina neste contexto tipológico da biografia devota parece acrescentar às múltiplas dimensões, funções e objectivos da poesia conventual feminina uma outra funcionalidade, resultante da sua difusão, num contexto que lhe determina, à partida, um horizonte de interpretação no âmbito da esfera semântica da santidade. A poesia parece demonstrar a excepcionalidade da virtude da biografada, exemplificando o tipo de linguagem e de actividade dos que vivem em constante estado de amor. Sem pôr em causa os tradicionais índices de santidade – sobretudo porque explícita e constitui uma síntese deles – parece-nos que uma certa literatura hagiográfica de cariz devoto se esforça por salientar uma determinada concepção de santidade ou perfeição,

⁹ Apenas a título de exemplo, pensemos nas *Máximas do Século* e *Verdades do Tempo*, enviadas por Soror Maria do Céu à Marquesa de Marialva, que lhe pedira um livro (ver Isabel MORUJÃO, *Verdades do Tempo e Máximas do Século: dois manuscritos inéditos de Soror Maria do Céu*, in *Rev. da Fac. de Letras – Línguas e Literaturas*, II Série, vol. IX (1992), 299-307) ou na correspondência estreita mantida por esta mesma religiosa com a Duquesa de Medina Coeli, guardada nos ms. da cx. 24 da B.N.L. Há, ao longo dos séculos XVII e XVIII, uma estreita relação mantida entre o convento e a corte, como o atestam, por exemplo, as participações de religiosas poetisas nos preliminares de obras que se editavam (cf. Soror Violante do Céu, Soror Leonarda da Encarnação, Soror Francisca da Coluna e outras). Sobre este assunto ver Isabel MORUJÃO, *Entre o convento e a corte: algumas reflexões em torno da obra poética de Soror Tomásia Caetana de Santa Maria*, in *Espiritualidade e Corte em Portugal (Séculos XVI a XVIII)*, anexo V da *Rev. da Fac. Letras do Porto – Línguas e Literaturas* (1993), 123-142.

visível ou apreendível também ao nível da prática poética. Tal facto é-nos claramente confirmado nas duas biografias em causa, que, por comodidade, passaremos a analisar seguidamente de modo individuado.

Diga-se, desde já, que a ocorrência da obra de Soror Mariana Josefa Joaquina de Jesus nesta biografia da sua vida constitui a única edição massiva conhecida de poesia carmelitana portuguesa feminina da Idade Moderna, que se suspeita fecunda, mas que a tradição não conservou. Por este facto, esta biografia reveste-se de uma importância especial para o conhecimento da esfera da poesia monástica feminina portuguesa.

Soror Mariana Josefa nasceu a 1 de Abril de 1702, em Lisboa, filha dos Condes de Tarouca, preocupando-se o biógrafo em ilustrar a nobreza do seu nascimento e as virtudes e grandezas dos seus Pais, pois aos Pais virtuosos Deus premeia "com lhes dar filhos santos".

O perfil de santidade da religiosa é, desde logo, uma proposta feita claramente pelo biógrafo e aparece elaborado ao serviço de uma estratégia que na obra também aparece bem explicitada: louvar a Deus por Santa Teresa e louvá-Lo pelo bom fruto da sua Reforma e reposição da antiga observância em Portugal, de que a Madre Mariana Josefa constitui o mais vivo exemplo. Assim, o louvor a Deus por Mariana Josefa insere-se num projecto de demarcar as vantagens da Reforma carmelitana em Portugal.

A estratégia do biógrafo, se bem que optando pela modalidade de frequência narrativa designada por narrativa iterativa¹⁰, alude ao carácter de repetição dos acontecimentos narrados por ele uma única vez, mas que o enunciado narrativo se recusa a repetir, para evitar prolongamentos fastidiosos¹¹.

"Costumão os que escrevem vidas de Santos empregar alguns Capitulos em recontar certos exemplos particulares, que não poderão tecer com a historia, e reduzir estes casos, que lhes não couberão no discurso della, ás virtudes a que pertencem.(...) Fugiremos sempre de os imitar"12.

Pode também ver-se, nestas afirmações, que o biógrafo assume ainda uma outra postura curiosa, relativamente à biografia que constrói: a de, ainda que indirecta ou veladamente, inscrever esta biografia no género das "*Legendae* de Santos", parecendo não distinguir ou não querer

¹⁰ A "Frequência narrativa" é definida por Gérard Genette como "contar uma única vez o que se passou *n* vezes" (in *Discurso da Narrativa*, Lisboa, 1979, 116).

¹¹ Ver *Vida e Obras...*, 196.

¹² *Vida e Obras...*, 196.196

reconhecer a diferença que medeia o santo vivo do santo canonizado e por conseguinte, a biografia devota da vida de santos.

A obra estrutura-se em 18 capítulos, onde se perpassam os lugares comuns neste tipo de trajectos: enumeração das virtudes dos pais, das virtudes da religiosa, fornecimento de pormenores da sua vocação religiosa e da sua chegada ao convento de Santa Teresa de Carnide, inventário das suas devoções especiais, ilustração da sua excelente educação de corte¹³. Refere ainda o modo como Mariana Josefa conseguiu reatar a amizade com o Pai, que se zangara com a sua fuga para o convento, relata as suas virtudes e fama de santidade no convento e na corte, alude ao seu comportamento de "Perfeita Religiosa" e à exemplaridade das religiosas carmelitas, refere os cargos ocupados no convento por Soror Mariana e termina com a sua morte.

Em todas estas referências em que o enunciado narrativo se detém, ressalta sobretudo o seguinte pormenor. O biógrafo, ao longo dos capítulos e à medida que os diversos sucessos se vão desenrolando, articula a referência à composição das poesias de Soror Mariana com as variadas circunstâncias da sua existência. Assim, foi com uma décima profundamente devota que a religiosa conseguiu reatar a relação com o Pai¹⁴, que se mostrava relutante a qualquer aproximação, foi num soneto que Soror Mariana sintetizou o chamamento que sentiu para ser religiosa – e para o qual o biógrafo remete, em nota de rodapé da própria biografia¹⁵ –, foi através de coplas suas dedicadas a Santa Teresa, tomando S. José como seu intercessor e cantadas por toda a comunidade perante a imagem deste santo, que conseguiu as melhoras para a sua saúde "inteiramente arruinada"¹⁶, etc..

Para além desta articulação entre a poesia produzida e a exemplaridade da vida de Soror Mariana Josefa, o biógrafo preocupou-se em afirmar que a vocação poética só foi descoberta depois da sua entrada para carmelita: " Não descubrio ella este talento da Poesia senão depois de Religiosa, e nunca o empregou senão em assumptos pios, e devotos. Talvez que o não quizesse dar a conhecer em casa de seus Pais, por se não ver obrigada a tomar ás vezes outros assumptos, que não fossem estes, ou também para evitar ainda maior estimação"¹⁷.

Assim, a poesia e a virtude parecem caminhar lado a lado, em simultaneidade, sobretudo quando a sua articulação surge particularmente

13 Refiram-se, como elementos mais marcantes dessa educação na corte, a aprendizagem das Letras com excelentes mestres, o conhecimento das línguas italiana, francesa, castelhana e latina, o domínio perfeito do cravo e a prática do canto e da dança (cf. *Vida e Obras...*, 41-43).

14 *Vida e Obras...*, 114.

15 *Vida e Obras...*, 65.

16 *Vida e Obras...* 157-158.

17 *Vida e Obras...*, 115.

vincada num capítulo consagrado às "virtudes em que mais resplandeceo a Madre Marianna: e de algumas outras cousas notaveis da sua vida" e no que se lhe segue, que são, curiosamente, os capítulos finais da obra, antes de se dar a palavra às obras escritas por Soror Mariana. Nas páginas finais, que introduzem as obras poéticas de Mariana Josefa, o biógrafo sintetiza deste modo o que escreveu e o que apresenta de seguida:

"Este foi o caracter, e empreza da Madre Marianna: não transgredir nem levemente a Lei do Senhor: cumprir pontualmente o que era sua obrigação; e aspirar ao mais perfeito, e praticallo. Os propositos que ella fez, e executou, dos quaes alguns forão escritos, como se disse já, com o seu sangue, e que irão no fim juntos com as mais obras suas, e *não menos estas mesmas, attestão bem o que dizemos*"¹⁸.

Assim, a perspectiva do biógrafo – que expressa, nesta obra, a opinião das religiosas do convento de Santa Teresa de Carnide – parece querer orientar o leitor para a obra poética que apresenta seguidamente e talvez explicar a sua existência, a sua validade e a sua função. Não restam dúvidas de que a biografia foi construindo uma visão dos versos de Soror Mariana, que não se confinam, obviamente, a testemunharem da sua santidade, embora, recuperando as afirmações acima transcritas, a "atestem". E, nascidos do enlevo espiritual e do estado de permanente júbilo interior de uma "santa", os versos prolongam a acção desta para além da sua vida, e serão, nesta sequência, lidos como voz da santidade, alimentando talvez o filão das devoções privadas de algum ambiente de corte.

De facto, a obra em torno desta biografada vai consolidando, ao longo dos diversos capítulos, a fama de santidade de Mariana Josefa, sendo várias as referências e os testemunhos convocados para tal:

"Não he maravilha que fosse procurada a Madre Marianna pelas grandes personagens de Corte, pois que quasi toda ella aparentava. Ainda assim não a buscavão somente pela razão do parentesco, e por civilidade, nem erão só as suas parentas as pessoas respeitaveis que a buscavão. Todos hião (...) pedir o seu conselho, as suas orações, o seu patrocínio; outros só por verem, e fallarem com huma pessoa que tinhão por santa".¹⁹

¹⁸ Cf. *Vida e Obras...*, 218. Sublinhado nosso.

¹⁹ *Vida e Obras...*, 209.

Outros e variados exemplos se podem aduzir, para reforçar esta perspectiva desenvolvida pelo biógrafo. Citaremos apenas alguns.

"O que ha na vida religiosa da Madre Marianna de mais notavel, e maravilhoso, he hum cumprimento exacto, e perfeito das obrigações do seu estado; e foi o que a levou a grande alteza de

O texto transcrito alude efectivamente a um aspecto que consideramos central na apreciação da articulação entre a santidade e produção de textos ao divino. Soror Mariana Josefa por diversas vezes escreveu, além de poesias, cartas espirituais e outros escritos, utilizando como tinta o seu próprio sangue, deduz-se que aquele que perdia por ocasião das rigorosas penitências e disciplinas que a si mesma aplicava²⁰. Esses textos constituem, como o primeiro deles, que antecede a colectânea de poesias, cartas de petição e de comprometimento de Soror Mariana na fé de Jesus Cristo e no crescimento em perfeição. Assim, constatados pelas religiosas, pelo confessor e orientador espiritual e pelo biógrafo que a conheceu de perto, "os progressos que fez na santidade"²¹ de algum modo foram alimentados por actos discursivos dirigidos a Deus, com quem se compromete a ser cada vez mais perfeita. Alguns dos seus poemas constituem, acima de tudo – e para além do valor poético que efectivamente alguns demonstram – actos perlocutórios, cartas de escravidão, actos de contrição e de petição, que sublinham a sua caminhada para "perfeita religiosa".

Tendo cultivado também o género epistolar, alguns dos seus textos devem ser lidos como uma espécie de correspondência com Deus, à maneira de solilóquios, e que são a expressão e a prova da sua particular união a Deus ou do desejo dela²² e que abrangem as modalidades em prosa e em verso. Alguns poemas constituem de facto, do ponto de vista tipológico, cartas que a religiosa dirigiu a Deus e que apresentam mesmo tópicos de encerramento de correspondência²³.

Como podemos inferir desta conjugação dos seus escritos com os seus progressos na virtude e perfeição, a importância da escrita revela-se como testemunha do seu empenhamento, quando, através dela, Mariana Josefa se compromete perante Deus e a Virgem e a esta pede:

"Peço humildemente, minha querida Senhora, pelo que tendes ao Altíssimo, que da sua infinita bondade me alcanceis tanto amor seu, que extinga inteiramente o meu amor proprio, fazendo que eu viva, e morra de

santidade a qual nisto he que consiste. (p. 197). (...) Sempre que Suas Magestades visitarão aquelle Convento na vida da Madre Marianna, que forão não poucas vezes, sempre a distinguirão com muito especiais honras, e mostravão que lhas fazião como a pessoa santa." (p. 210).

²⁰ Veja-se a enumeração de algumas destas disciplinas: *Vida e Obras...*, 140-141.

²¹ *Vida e Obras...*, 144.

²² *Vida e Obras...*, 231.

²³ *Vida e Obras...*, 333 e 335.

amor Divino, e que como filha vossa não tenha outra vontade mais que padecer, ou morrer ás mãos do Amor"²⁴.

Ou quando, na *Carta de Escravidão*, diz: "*Sirva de testemunha este sangue, esta escritura*; e protesto de a não revogar, e de a cumprir até que me leveis como escrava de Jesus, Maria, e José para a sua companhia, aonde vos ame e louve sem fim"²⁵.

Por outro lado, a escrita, feita com o sangue dos seus próprios cilícios, é testemunha dos seus avanços na penitência e no amor a Deus, que pela disciplina procurava testemunhar e com o sangue da qual, por sua vez, se comprometia ainda mais.

É geralmente aceite que o reconhecimento da santidade passa por um processo rigoroso de aspectos que dizem respeito ao corpo dos santificáveis. Assim, a sua incorruptibilidade, a sua transfiguração em alturas privilegiadas da vida religiosa – lembremos o caso de Soror Mariana, cujo rosto, apenas agradável, ficou formoso no dia da sua profissão²⁶ –, o odor de santidade exalado na morte, o cheiro a flores ou frutos junto das campas, a mortificação infligida ao corpo durante a vida, o desprezo pela vaidade, o voto de castidade, a proliferação de doenças, normalmente interpretadas como chamamento de Deus a uma maior santidade²⁷, a luz irradiada pelo corpo vivo ou moribundo, etc., são normalmente factores identificadores da santidade de alguém.

Por isso, esta escrita de Soror Mariana, vinda do corpo e feita com o próprio corpo, parece de algum modo ligar-se à oferta a Deus do seu corpo, de que abnega, por não querer mais do que "padecer ou morrer ás mãos do Amor". Aliás, a *Carta de Escravidão*, um dos textos que redigiu com o seu sangue, constitui um documento da devoção da religiosa a Jesus, Maria e José, a quem entrega alma, corpo, vida, saúde, honra, liberdade, potência e sentidos. A escrita pode ser vista, em última análise, como um prolongamento das acções do seu corpo perfeito. O biógrafo comenta estes factos, afirmando: "Quem assim mortificava o corpo, fica facil o conjecturar quanto mais mortificaria o espirito. Para se fazer conceito do quanto se applicava a Madre Marianna a esta sorte de penitencia, sem a qual pouco valor tem a outra, basta ler o que ella mesma deixou escrito por vezes em varios papeis, que adiante vão trasladados com as mais obras suas, e alguns

²⁴ *Vida e Obras...*, 231.

²⁵ Sublinhado nosso.

²⁶ *Vida e Obras...*, 124.

²⁷ *Vida e Obras...* 137, onde se ilustra este mesmo aspecto.

delles forão escritos com o seu proprio sangue, como se dirá. O que a Madre Marianna nelles promette cumpria-o exactamente. Isto só basta para se ver quão mortificada era, e tambem quão perfeita. Forão pelo conseguinte extraordinarios os progressos que fez na santidade, porque estes sempre correspondem ás diligencias que se fazem por adquirir tão alta sciencia"²⁸.

As Obras da Madre Mariana Josefa não são constituídas, como já se disse, exclusivamente por poesia. Nelas se englobam a *Direcção para huma Noviça (...)*, a *Instrucção de huma Mestra a huma Noviça, que acaba o Noviciado(...)*, *Actos de Virtudes*, e o *Exercicio da Presença de Deos para os dias da semana*, após o que se ordenam as obras poéticas, começando pelos sonetos, e seguindo-se décimas, quartetos, romances e coplas rimadas. Antes delas, porém, o biógrafo informa que a religiosa escreveu também variadas novenas, que "correm impressas".

A propósito dos seus escritos em prosa, o biógrafo desde logo insinua a sua relação com a santidade de Soror Mariana, que eles testemunham: "Quem ler a Direcção que ella deo a huma sua Noviça, e que ha de ir entre as suas obras, facilmente conhecerá a capacidade, e santidade de tão grande Mestra"²⁹.

É claro para nós, neste momento, que o conceito de santidade para este biógrafo se articula com toda a veemência com a santidade na vida religiosa, e mais propriamente, com a santidade resultante do zelo e da perfeição na observância da Regra carmelitana. Nesse sentido, estas poesias revelam, de facto, o grau de perfeição atingido pela religiosa biografada.

Os sonetos situam-se preferentemente na linha da melhor tradição lírica de um Camões ou de um Rodrigues Lobo, embora, pela temática neles desenvolvida e pela sua exclusiva projecção religiosa, se possa dizer que eles se inserem na continuidade literária de tradição monástica, retomando, nesse sentido, aspectos desenvolvidos nos sonetos de Soror Violante do Céu, por exemplo³⁰. A experiência de poesia de corte e de sensibilidade às belas

²⁸ *Vida e Obras...*, 144.

²⁹ *Vida e Obras...*, 159.

³⁰ Veja-se desde logo o *Soneto I*, onde o leitor sente ecos da poesia de Violante do Céu, embora, curiosamente, da sua poesia profana reunida em *Rimas Várias*: lembremos o célebre soneto sobre Silvano...

São minhas culpas taes, que a considrallas
Com temor, meu Jesus, de repetillas
Digo, que ou chegue a dor a extinguiillas,
Ou venha a morte já a embaraçallas.
Não quero a vida, se hei de continuallas;
E pois me falta a dor para sentillas,
Pertendo em vosso sangue consumillas,
E quero em vosso lado sepultallas.

letras, formada na sua educação esmerada de filha dos Condes de Tarouca, revela-se lapidarmente na qualidade evidenciada por alguns destes sonetos, cujos núcleos temáticos dominantes se concentram em torno do reconhecimento de ser pecadora, da esperança de misericórdia de Deus, da necessidade da conversão a Deus e da preparação para a morte como um processo constante, da esperança na redenção e no banquete final, etc., prolongando em tudo a tradição literária destas temáticas, na esfera da literatura feminina conventual.

Não cabe, naturalmente, nos objectivos deste trabalho, realizar uma análise literária aprofundada desta poesia, pois procuramos lê-la dentro do quadro de entendimento que sobre ela nos forneceu o biógrafo. Por isso, cumpre-nos sobretudo salientar o quanto o sujeito de enunciação poético, assumidamente feminino, se situa num circuito de comunicação que vai de Deus, Jesus e os santos, até às religiosas do seu convento ou às pessoas em geral³¹.

Nessa dimensão dialogal, a poesia de Soror Mariana estrutura-se em função de diversos vocativos, que constituem o centro das suas preocupações relativamente à santidade. A parábola das Virgens é frequentes vezes convocada no intertexto da sua poesia, também neste aspecto dando continuidade a um recurso já utilizado por Violante do Céu, e esta ressonância arrasta para a sua poesia a preocupação com o vigiar e o estar preparado, que procura fazer passar para as suas companheiras, no sentido de as fazer crescer na santidade. Por isso, trata-se, nesta obra poética, de um sujeito de enunciação que se pressente consciente de uma certa supremacia sobre o destinatário, que tem consciência de estar a encaminhar, a amparar, a esclarecer. Daí o tom de advertência constante, que os imperativos esclarecem e confirmam: "Deveis-vos crucificar"³², "heis de imitar"³³, "Tomai-a por exemplar"³⁴, "Exaltai a Santa Cruz"³⁵, etc.

O que ressalta da maior parte destes poemas é a circunstância de celebração em que foram gerados e para a qual se escreveram, mas onde se aproveita para divulgar, perante toda a comunidade, regras de conduta e conselhos para se alcançar a santidade. Algumas décimas retratam bem o ambiente de festa e de divertimento em que se enquadraram, mistura de

³¹ Atente-se, por exemplo, no vocativo "Irmãos meus" do *Soneto II*, o tal que o biógrafo indicou como referência ao momento em que a religiosa tomou a resolução de deixar o mundo e que amplia o circuito da comunicação poética, que, no caso da poesia monástica, era, normalmente, relativamente restrito.

³² *Vida e Obras...*, 292.

³³ *Vida e Obras...*, 291.

³⁴ *Vida e Obras...*, 293..

³⁵ *Vida e Obras...*, 306.6.

gosto pelo poético e pelo jogo de salão, estilo jogo de sortes. Vejam-se especialmente as décimas³⁶ "com que oferece ás suas Noviças varias prendas de devoção, e penitencia", onde se oferece o Menino Jesus, Cristo crucificado, a crucifixão de cada uma das religiosas, Santa Teresa, a Regra, as disciplinas, as Constituições, o coração de Jesus, etc.. O mesmo se verifica com as "sortes d'exercício de virtudes para se tirarem dia da Exaltação da Cruz", ou "sortes da paixão para se tirarem no Domingo de Ramos"³⁷, por exemplo, que constituem um grosso conjunto de "coplas rimadas, e em romance", onde o sujeito de enunciação é o próprio Jesus, que se dirige a cada uma das religiosas, em jeito de testamento, oferecendo aspectos variados da sua Paixão:

A chaga da mão esquerda
 Hoje te sahio por sorte,
 Para que a minha direita
 Te abrace na tua morte.

A chaga do pé esquerdo
 Te deixo, Esposa querida,
 Porque nella te recolhas
 Por todo o tempo da vida.

O uso que, após as festas, estas poesias poderiam ter alcança-lhes uma função devota, de meditação, aproximadamente de estímulo para exercício espiritual. Alguma poesia é, pois, itinerário no claustro e para o claustro.

As circunstâncias da produção revelam uma poesia para ser dita no recreio ou em ocasiões festivas, e muitas vezes por desafios poéticos, que constituem modos mais marcantes de prolongarem os desafios que as noviças carmelitas fazem às religiosas professoras, em determinadas ocasiões marcantes³⁸, para ver quem mais se esmera no cumprimento de determinada virtude. Mas, ainda que em circunstâncias de jogo ou de divertimento, esta poesia constitui sempre uma proposta de perfeição e de santidade lançada às religiosas de Carnide, com nítidas marcas de intervenção sobre a comunidade, evidenciadas pelo sujeito poético, verificando o leitor o quanto, de facto, através dos seus versos, "com que nas festas, que em particular fazem as Carmelitas alguns dias do anno nas suas recreações, procurava a

³⁶ *Vida e Obras...*, 290-297.

³⁷ *Vida e Obras...*, 306 - 322.

³⁸ Esta informação é fornecida pelo biógrafo, em nota de rodapé (p.340).

Madre Marianna alegrar, e divertir santamente a Comunidade”, como afirmou o seu biógrafo³⁹.

O destinatário da poesia de Soror Mariana é meramente conventual, com marcas femininas e de estado, em grande parte deste tipo de poemas, onde a função lúdica vem sempre acompanhada de uma função didáctica e formadora. Através dela, dão-se conselhos, fornecem-se metodologias e modelos de comportamento no convento. Mesmo nos momentos de divertimento e distração, a religiosa fornece-lhes um verdadeiro manual para saberem progredir na perfeição e serem santas, serem "esposas escolhidas"⁴⁰. Os versos constituem por isso, simultaneamente, um índice e um incitamento à santidade, pois a referência à santidade é motivo permanente em quase todos eles.

Pois que procurais ser santa,
vos offereço este modelo;
E procurando imitallo,
Certamente haveis de sello. ⁴¹

Se sois santa, ou não sois santa
Deixo-o ao vosso conceito;
Mas que deveis sello, e ja
He que eu agora vos lembro. ⁴²

Por último, parece-nos particularmente interessante citar um poema⁴³ que se revela particularmente interessante, na medida em que nele a religiosa realiza um acto de súplica por uma sua noviça, que andava atribulada. O curioso deste texto é que nele Soror Mariana pede licença a Deus para servir de intermediária entre Ele e a noviça, transmitindo a esta última a certeza de que Deus lhe perdoava. Assim, Soror Mariana institui-se no seu convento, e enquanto Mestra de noviças, como voz de Deus, como intercessora e mediadora de Deus junto das religiosas.

E ja que he vontade vossa,
Com muita confusão minha,
Que fazendo eu vossas vezes,

³⁹ *Vida e Obras...*, 203.

⁴⁰ *Vida e Obras...*, 296.

⁴¹ *Vida e Obras...*, 297.

⁴² *Vida e Obras...*, 358.

⁴³ *Vida e Obras...*, 325.

Em vosso nome a dirija:

Dizei-me, meu bom Senhor,
 Se vós quereis que eu lhe diga:
 Que lhe tendes perdoado
 Estas suas ninharias?
 (...)
 Cuido que me dais licença,
 Para que eu assim lho diga,
 E que a traga a receber
 De vós a benção de filha.

E esta mesma resposta,
 Que lhe tenho promettida,
 Fazei que a tome por vossa,
 E não a tenha por minha.

Talvez não seja de todo vão reflectir sobre o quanto a proximidade com o modelo de Santa Teresa poderá ter justificado a apreciação desta vida como santa e reforçado a relação estabelecida, como temos vindo a demonstrar, entre escritos e santidade. As obras de Santa Teresa, poéticas ou não, podem ter forçado este paralelismo, por parte de quem, na ânsia de comprovar a fertilidade, em Portugal, do Carmelo reformado, procurou arranjar uma multifacetada aproximação com Santa Teresa. Toda a biografia, de que se desconhece as circunstâncias da origem, é dedicada a Santa Teresa, a quem se pede que a aceite: "Lembrai-vos que ao mesmo tempo que em outras partes da Christandade se expulsa como inutil a vossa refôrma, entre nós se propaga, e se estima cada vez mais".

Outros e vários poemas de Soror Mariana são dedicados muito especialmente a sua irmã Teresa, também religiosa como ela no mesmo convento de Carnide⁴⁴, mas este tipo de poesia, se bem que mais uma vez se

⁴⁴ Se bem que, como atrás dissemos, a poesia carmelitana feminina portuguesa constitua para nós um mistério, porque pouco dela se pode hoje recuperar, não deixa de ser curioso que, durante a longuíssima pesquisa por nós realizada em arquivos e bibliotecas, para a nossa dissertação de doutoramento, tenhamos justamente encontrado, como exemplares de rara ocorrência, dois poemas manuscritos e inéditos da Madre Mariana. Um deles, uma oitava, era justamente dedicado a sua irmã Teresa e confirma a preocupação da Madre Mariana em se encaminhar cada vez mais para Deus (para além de confirmar, a outros níveis por ora não pertinentes, variadíssimas outras coisas, tais como, por exemplo, a influência da matriz textual do *Cântico dos Cânticos*, de S. João da Cruz, etc.). O outro, constituído por uma décima, é dirigido à Filha do Marquês de Fontes, pupila no convento de Carnide e permite-nos obter dados diversos, embora complementares, relativamente ao perfil poético de Soror Mariana Josefa. Aí se pode observar o humor e a boa disposição com que a

inclua na esfera do celebrativo e do festivo (era realizada pelo aniversário do cargo de Prelada de sua irmã, por exemplo), constitui mais um louvor à pessoa em causa, às suas virtudes, à sua santidade, nesse ponto permitindo apenas veicular, através da sua difusão impressa, o alto conceito em que se tinham as religiosas carmelitas⁴⁵, em termos de itinerário para a perfeição religiosa. Afinal, o grande objectivo desta biografia não é louvar Santa Teresa e o Carmelo? Assim o propõe o biógrafo e, curiosamente, o capítulo VI da *Vida* desta serva de Deus detém-se na consideração das qualidades ou

Madre Mariana intervinha junto das suas orientandas, procurando encaminhá-las para o cumprimentada penitência e do jejum.

Transcrevemos as duas composições, por considerarmos que assim proporcionamos a sua edição:

"A Madre Thereza de Jesus filha dos S.res Condes de Tarouca Religioza professa no Convento de Carnide, fez a sua Irmã a MADRE MARIANNA , professa no mesmo Conv. a seguinte OITAVAS."

(in A.N.T.T., Mss Livraria n° 2133, fl. 224 [Miscelanea de prosa e verso]).

Dime hermana si sabes por ventura
 donde descansa, y assiste nuestro Amado,
 q. despues q. no miro su hermosura
 muere mi coraçõ, de enamorado.
 Corri de aqueste monte la espissura,
 pero tanto de mi se ha ocultado,
 q. ni escucha clamores mas sentidos,
 ni le obligan mis llantos, y gemidos.

[Em?(o manuscrito encontra-se roto neste ponto)] nome da Sn.ra D. [Leonor?(novo buraco no manuscrito)] f.a do Marquez do Fontes Pupilla no Convento de Carnide fez a Sn.ra D. MARIANNA f.a dos Sn.res Condes de Tarouca Religioza professa no mesmo Convento, esta DECIMA.

(in A.N.T.T., Mss Livraria n° 2133, fl. 224 v. [Miscelanea de prosa e verso]).

Eu, Madre, hum achaque tenho,
 que hum dia passar nao' posso
 se nao' merendo, e almoço
 tres vezes sem muyto empenho:
 Com isto arreçar venho
 que já mo nao' queirao' dar;
 Assim por nao' apurar
 da Provizora a paciencia
 pesso a vossa Reverencia
 Licença p.a o furtar.

O facto de se terem encontrado estes dois textos manuscritos permite talvez avaliar a tradição da sua circulação manuscrita (uma vez que nenhum deles é autógrafo...) e de algum modo concluir pela fama das suas produções.

⁴⁵ Em *Vida e Obras...*, 145, afirma o biógrafo: "Desejavam muito varias pessoas devotas da Cidade de Coimbra, que alli houvesse hum Convento de Carmelitas Descalças. O muito que he a todos notoria a santidade destas Religiosas, fazia nascer este desejo."

defeitos das ordens religiosas, de onde ressalta a eleição do Carmelo Reformado⁴⁶.

E, já a encerrar a primeira parte da *Vida*, afirma: "Muito pouco he o que deixamos dito para o que ha que dizer em louvor da santidade da Madre Marianna; porém basta para nos excitar a darmos grande gloria a Deos por ser tão admiravel nos seus Santos, e pelo ter sido entre nós, e em nossos tempos nesta sua Serva. E bastará tambem para aprendermos, e nos capacitarmos de que o ser santo he a unica felicidade nossa;"⁴⁷

A vocação de cada um à santidade apresenta-se por isso como um motivo também forte para a redacção e edição desta obra, que inclui a produção poética desta religiosa. Os seus versos, sobretudo porque enformados de uma grande preocupação com o próximo, particularmente com as dificuldades das suas companheiras na vida religiosa, serão conselhos sempre reiterados e perpetuamente dirigidos a novas religiosas, que nesses versos revejam as suas dificuldades e neles encontrem resposta para elas. E poderão constituir exemplo para Preladas e Mestras de Noviças, para quem funcionam necessariamente como modelo de acompanhamento e de constante desvelo e atenção pelas suas filhas espirituais.

A edição destas poesias parece assim mais vocacionada para um horizonte de leitores recrutado preferentemente no claustro, embora nele não esgote as suas possibilidades. Os poemas são por isso perspectivados pelo biógrafo e por quem certamente lhe encomendou a biografia, como índice de santidade de inspiração carmelitana, mas também como incitamento à santidade e como modelo dela, sobretudo porque, como disse o biógrafo, "ser santo é a única felicidade nossa".

A outra biografia, intitulada *Clamores do Ceo aos Corações da Terra*, apresenta-se a público com uma encenação bastante diversa da biografia anterior. Constituindo o relato da vida da religiosa Soror Teresa Juliana de S. Boaventura, esta biografia é escrita pelo Padre Francisco Xavier, expressamente a pedido da Prelada do Mosteiro de Santa Clara de

⁴⁶ Ver *Vida e Obras...*, 78-79, onde o biógrafo relata o seguinte: "Assentou o dito Padre com Dona Marianna o ser ella Carmelita Descalça. Muitas cousas concorrêrão para resolver assim. O chamamento era extraordinario, e pelo consequente devia só determinar-se a entrar em huma Religião, e em huma clausura, em que se servisse a Deos déveras, e não se vivesse talvez com mais distracção, e desassocego do que no seculo. Daquelles Conventos, cuja disciplina he austera, e exactamente observada, qual convinha a Dona Mariana, nenhum lhe agradava tanto como alguns dos de Santa Teresa. Nelles achava vida penitente, e aspera, mas sem aquelles excessivos rigores, que muitas vezes são quasi impossiveis de se praticar, e por isso são causa até de relaxação".

⁴⁷ *Vida e Obras...*, 219.

Lisboa, onde Soror Teresa Juliana foi religiosa professa. Os objectivos da relação da vida desta religiosa aparecem também muito claramente expressos pela própria Abadesa de Santa Clara num texto destinado ao "leytor pyo", que pretende "com as luzes publicas da vida desta Veneravel Madre animar, persuadir, e promover para a imitação de seus observantissimos exemplos, a todos os Religiosos espiritos, que nesta nossa Clausura se consagrão Esposas do Divino Amante".

Este constituiu o primeiro intuito para a edição desta Vida, a que, depois da redacção feita, se acrescentou posteriormente um segundo, revelado à Abadesa pelo Prelado Maior da Província de S. Francisco, a quem a Abadesa enviou, como era preceito, a obra, para que a autorizasse. E foi efectivamente Frei Faustino de Santa Rosa quem desta biografia escreveu o seguinte:

"Agradeço a V. Reverencia muito o gosto que me deo a lição da Vida, e Obras da Reverenda Madre Sor Thereza Juliana de S. Boaventura. O Author que a escreveo he muito douto, e versado nas Escrituras, Santos PP., e Theologia Mystica; com cujas noticias, além da elegancia, com que descreve as açoens da dita R. M., as illustra com excellentes, e proveitosas doutrinas, de que se poderdõ utilizar muito, todos os que tiverem pia affeição vida espiritual; e aos que a não tiverem lhes servidõ de despertador, para a seguirem."

Assim, a edição e divulgação desta biografia, que inclui, como se disse, os versos da Madre Teresa Juliana, poderá funcionar como despertador para a vida espiritual de pessoas do século e talvez tenha sido essa também a intenção do biógrafo, ao intitulá-la *Clamores do Céu aos Corações da Terra*. E, se, à semelhança da *Vida* da Madre Mariana, esta relação parece interessar prioritariamente ao claustro e à Ordem franciscana, tal como a outra à clausura e à ordem carmelitana, os *Clamores do Céu...* estendem claramente os seus objectivos de difusão pelo exterior do claustro, nisto se distinguindo um pouco da biografia que anteriormente analisámos. Ambas, no entanto são para honra e glória do Senhor e para crédito dos respectivos mosteiros.

A antecâmara desta obra reúne, como era usual na época, algumas poesias em louvor do Autor e da biografada, onde Soror Teresa Juliana é referida por religiosas da mesma comunidade, num poema, como "exemplar da Santidade" e noutro como "Seraphim (...) em corpo humano", "Sacra Musa, Cisne Lusitano", "De seu charo Pay imagem pura", "de perfeições Archivo" e como "Anjo na pureza".

Logo desde os textos preliminares – que a biografia de Soror Mariana não tem, em tudo se apresentando despida do aparato editorial

próprio da época –, o leitor é levado a articular a poesia desta religiosa com a sua santidade, ambas estas facetas correspondendo à globalidade da personalidade desta religiosa. Isso propõe Frei João de Nossa Senhora, numas redondilhas.

Foy Religiosa recta;
Tão observante, que espanta;
Se por huma parte Santa;
Por outra parte Poeta.

A atitude do biógrafo em relação aos versos de Soror Teresa aparece interpretada num soneto do Doutor Miguel da Silva, e Araujo, dedicados ao Padre Francisco Xavier:

(...) e nos Versos cauza espanto
Vêr que para os honrar esgotays quanto
A Bíblia tem de erudição gostoz.

De facto, a obra poética de Soror Teresa Juliana aparece profusamente apoiada por uma cerrada sequência de versículos bíblicos, que o biógrafo adequou ao texto de Teresa Juliana e que procuram clarificar para o leitor as fontes de inspiração divina da poesia desta freira, ao mesmo tempo que indiciam que a mesma religiosa passou nestes textos largo tempo da sua existência. Este profuso reenvio textual que o biógrafo, com a sua erudição, aponta e acompanha, acaba por fortalecer a poesia de Soror Mariana, que, sendo embora ao divino, tem origem humana. Deste modo, o leitor, no seu contacto com a edição destas poesias preparada pelo biógrafo, ouvirá duas vozes em uníssono: a de Deus, através da Bíblia, e a de Soror Mariana, cuja fama de santidade sai reforçada, por reelaborar, na sua vida de religiosa, através do discurso poético, os santos conteúdos dos textos sagrados.

Os textos preliminares alongam-se de facto nas considerações em torno desta biografia, que se classifica de "Espelho". De todos eles destacaremos as afirmações contidas nas licenças a propósito das poesias, claro:

"Não reparo na bondade dellas: isso fique para os Leytores, que quizerem ser Juizes. Em serem todas ao Divino, he que reparo; porque gastando todo o seu tempo com Deus, *chamando-o com vozes, e procurando-o com estes escritos; Deos como tão fino amante não costuma faltar com resposta áquella alma, que, fazendo do seu coração papel, do*

*seu sangue tinta, dos seus suspiros penna, e das suas ternuras caracteres, lhe escreve que a busque*⁴⁸.

Os seus versos são ainda referidos como "desafogos daquelle espirito abrazados nas suavissimas poeticas expressoens de affectuosos versos".

O entrelaçamento vida-poesia e poesia-corpo aparece aqui claramente explicitado, embora de Soror Teresa não indicie esta biografia, de modo a que não restem dúvidas, que também usasse o seu sangue para escrever ao divino. De todo o modo, a articulação apresentada nos textos preliminares indicia uma percepção da santidade evidenciada também a partir da produção de "obras espiritualmente métricas" de uma religiosa, constituindo tal facto uma constatação a relevar e a tomar em conta, na construção teórica da ideia de santidade para o século XVIII e, sobretudo, para a vida de clausura. A poesia ao divino da religiosa aparece a público como um acto discursivo próprio dos que vivem permanentemente em Amor e no Amor de Deus, atitude que se sabe própria dos verdadeiros santos.

Francisco de Jesus Maria, pronunciando-se acerca das intenções desta publicação, afirmou:

"E tenho sem duvida por alta providencia que huma vida, que por tantos annos, e por tantos modos serviu de espelho, continûe depois da morte (...) edificando, e ornando dignamente as paredes seraficas."

Nesse sentido, a edição dos versos de Soror Teresa Juliana de S. Boaventura, bem como a edição dos versos de Soror Mariana, não só confirmam a exemplaridade de uma vida toda votada a Deus, como comprovam a privacidade extraordinária das suas almas com Deus.

Assim, se ao longo dos preliminares e, depois, dos diversos capítulos, se vai apresentando o perfil de santidade decorrente da vida exemplar desta religiosa, ao mesmo tempo vai-se articulando com essa vida uma produção poética que dela testemunha e que a ela incentiva. E, sobretudo, vai-se supondo que Deus foi resposta a tão insistentes e inflamados chamamentos, contidos na sua poesia.

A Introdução da biografia refere a vocação de cada homem à conformação com a vontade de Jesus de que "sejamos Santos, e perfeitos como seu mesmo Eterno Pay". Cristo institui-se desde logo como o primeiro exemplar de virtude e santidade, concluindo intencionalmente o biógrafo que "a este poys Exemplar Divino procurou tambem muyto assemelhar-se,

48 Sublinhado nosso.

quanto lhe foy possível, a Religiosa Esposa do Senhor D. Thereza Juliana de S. Boaventura".

Soror Teresa Juliana nasceu no Porto, filha de pais de quem se ignora o nome, mas que se presumem nobres⁴⁹. A obra é composta equilibradamente por três únicos capítulos, que referem a sua vida antes de entrar para o Convento, decorrida em casa dos Marquesses de Gouveia, a sua vida depois de 2 de Março de 1716, data em que entrou para o convento, onde professou em Abril de 1717 e a sua morte. Ao longo deles, a narrativa do biógrafo procura referir as suas leituras piedosas e a sua formação espiritual nos exercícios da Congregação do Oratório. Aliás, curiosamente, ambas as religiosas aqui por nós tratadas tiveram esta formação oratoriana, pelo que, dentro das suas práticas espirituais se destaca para ambas a oração mental, a comunhão frequente, etc.. No caso de Teresa Juliana, o Martirólogo foi a sua leitura na cela e sabia de cor Salmos e os *Cantares*, textos que repetiu na morte, juntamente com a profecia de Malaquias.

A personalidade de Soror Teresa Juliana é comparada por três vezes a S. Paulo, ao longo da biografia, saindo a santidade desta religiosa e a sua tenacidade nesse caminho, reforçada desta comparação⁵⁰.

No que respeita à sua obra poética, realce-se o facto de vir precedida de uma Protestação da autora, no sentido de querer fazer oferecimento de todas as suas obras a Deus N. Senhor, "para que me salve a minha alma". É evidente que a autora não alude intencional e particularmente às suas obras poéticas, e sim aos seus actos de religiosa franciscana, mas o adjectivo "todos" permite nele englobar também a produção poética desta religiosa, que se deve ler como penhor a Deus e Sua glorificação.

Trata-se de uma protestaão de esforço na caminhada para a perfeição, que a religiosa promete ler todos os dias. Nesta declaração de intenção enuncia Soror Teresa um projecto de vida e um plano para a semana, em que cada virtude a praticar se articula com diversos passos da Paixão de Cristo. Há visivelmente na sua poesia uma clara influência dos

⁴⁹ Notar que a associação da santidade com a nobreza de sangue constitui uma das dominantes na hagiografia da Idade Média e, se perdeu a sua preponderância com a idade moderna, não deixa de ser um factor genealógico considerável para a apreciação conclusiva da santidade. Sobre este assunto veja-se André VAUCHEZ, ed. cit.

⁵⁰ Cf. *Clamores do Céu...*, 46, 57 e 60. É curioso notar como o século XVIII parece marcado por uma espiritualidade que poderemos designar como "paulina". De facto, são vários os santos, de fama ou de direito, cujo comportamento é comparado ao de S. Paulo, que aparece assim como uma matriz de referência privilegiada. Veja-se, por exemplo, Soror Madalena da GLÓRIA, *Agua Real, Fenix abrazado, Pelicano amante, Historia panegyrica, e Vida prodigiosa do inclito Patriarca, que alcançou ouvir da boca de Deos o titulo de Grande, S. Agostinho*, Lisboa, Off. Pinheiriense da Musica, 1744, onde Santo Agostinho também é sucessivas vezes comparado a S. Paulo.

Exercícios Espirituais de Santo Inácio, que ela própria instituiu como obrigatórios no seu convento, antes das novíças professarem.

De facto, a técnica da composição de lugar, pela qual se procura contemplar ou levar a contemplar, está marcadamente presente nestes poemas⁵¹.

Não é a poesia de Soror Mariana exclusivamente constituída por obras místicas ou misticizantes, como o biógrafo procura dar a entender. Efectivamente, se os sonetos – talvez as suas composições mais elaboradas, se bem que no geral delas se possa afirmar que apresentam uma apreciável qualidade poética e que são mais do que simples versos _ apresentam uma forte dimensão de empenhamento na proximidade e encontro com Deus, outras composições inserem-se na mais lídima tradição festiva dos conventos femininos, que acompanhava o calendário litúrgico, nas festas da circuncisão, do Menino no Templo, etc., com poemas de circunstância. Alguma poesia tem nítidos ecos populares⁵² e grande parte dela destina-se a ser cantada na comunidade, como o indicia a sua filiação genérica: minuete, árias, letras, cantata, cantigas, etc.. E a sua variada tipologia de géneros fá-la ainda passar por outras modalidades poéticas associadas ao jogo, à festa e à recriação, como os "desafios", os "jogos", os "enigmas", os "despiques", etc., que também produziu⁵³. Em todas elas, no entanto, está sempre presente a preocupação na elevação do espírito e o incitamento à devoção.

De facto, quer nos sonetos, quer nos romances, nas décimas ou nos outros géneros que cultivou, sobressai uma estratégia enunciativa particularmente eficaz em termos de suscitar a adesão da comunidade à sua poesia, pois nela o sujeito de enunciação, através de uma estratégia de alteridade, é Jesus Cristo, Maria Santíssima, S. José, etc. que se dirigem às Esposas de Cristo e as interpelam. Saliente-se, a este propósito, o artifício utilizado nalguns poemas, onde os primeiros versos parecem ter como sujeito de enunciação Maria, ou S. José, e onde, quase sem darmos por isso, o final do poema já nos apresenta uma religiosa como sujeito poético, que interpela as outras na busca de Deus. Exemplifique-se:

"Na mesma consideração por parte do Senhor S. Jozé mostra o seu sentimento, neste Soneto".

Pena, que sobre excede a toda a pena,

⁵¹ Vejam-se especialmente os poemas 151, 152, 155, 156, etc..

⁵² Veja-se as cantigas de *Clamores do Céu...*, 202-205, cujo refrão "Ay lé, lé, lé, lé" confirmam esse filão popular, que é no entanto escasso, na globalidade da obra poética aqui editada.

⁵³ Ver sobretudo a Divizam VII e XII das *Obras*.

Dor, que o coração teme o sopportá-la;
 Perda, que he pouco hum mar para chora-la,
 Triste inferno, a que a magoa me cõdena:

Depressa se mudou a alegre scena,
 Com gemidos de dor, que o peyto exhala:
 Como aquelle, que a si na gloria iguala,
 A minha alma tormento hoje me ordena?

Foges, Filho, da minha companhia?
 Pois Amores; meu Deos, e meu Menino;
 Olha a dor, vê a magoa de MARIA:

Donde irá, quem te adora, Deos benigno?
 Que fará? *Irmos todas á porfia*
*A buscar nosso Esposo, e Pay Divino.*⁵⁴

É este um recurso abundantemente utilizado em muitos dos poemas, que assim tornam Cristo mais próximo das religiosas, dirigindo-lhes Ele a palavra. É o que acontece nas "Queixas de hum Deos offendido, feytas por esta Serva do Senhor", coplas onde se utiliza este processo didáctico de presentificar Jesus aos leitores – neste caso, as religiosas – onde Cristo interpela as Religiosas, através de sucessivos vocativos, destinados talvez a suscitar as lágrimas de arrependimento e sensibilidade, métodos a que tanto valor se atribuía na altura, para o desprezo de si e do mundo, que possibilitavam o caminho para Deus ("Esposa esquecida", "Esposa inconstante", "Esposa ingrata").

A inspiração franciscana e salmística também se faz sentir na sua poesia de louvor pelas criaturas⁵⁵. De facto, no que respeita aos salmos, eles constituem o substrato textual mais denso e evidente, que os comentários laterais que o biógrafo estabeleceu ajudam a comprovar. Sobre eles Soror Teresa exerce um trabalho poético de interessante reelaboração, conseguindo, nas "Lamentaçoens que faz huma alma a Deos, seguindo por fixo norte os Psalmos de David", utilizar um verso de quatro sílabas, adaptando assim o molde longo do salmo a um verso extremamente curto,

⁵⁴ Sublinhado nosso.

⁵⁵ Veja-se a poesia de *Clamores do Céu...*, 170, por exemplo, onde alguns extractos são claramente significativos desta dimensão: "Por Vós, Amor da minha alma,/ São as agoas crystallinas;/ Por Vós são os campos bellos,/ Por Vós são as flores lindas. (...) Por vós as feras se domão,/ Por Vós o homem as domina;/ Por Vós o numero cresce,/ A todos days serventia....".

cujo ritmo permite deste modo reforçar certas ideias e reter rapidamente determinados conteúdos. Ex:

(...)
 Vede meu Bem,
 Que estou olhando;
 E vendo quando
 Vós vos doeys.
 (...)
 Neste thezouro
 Só ponho o alvo,
 Só Vós em salvo
 Me podeys pôr.
 Vós soys minha alma,
 Meu sacramento,
 Meu complemento
 De Summo bem.
 (...)

Enfim, na sua generalidade e na sua enorme variedade, a poesia desta religiosa expressa um permanente louvor a Deus e institui-se frequentemente como a escuta do chamamento de Deus, que ela comunica através dos seus poemas. Dai alguns romances sintetizarem, por exemplo, os avanços e recuos da vida espiritual e serem "suspiros de Deus"⁵⁶, modalidade tão apreciada nos meios conventuais, ou constituírem exercícios de meditação sobre a morte⁵⁷.

Saliente-se por último o facto desta poesia decorrer também muitas vezes de uma situação de contemplação devota de imagens de Cristo, ou de santos, de cujo estímulo resultam alguns poemas⁵⁸. A maior originalidade

⁵⁶ Veja-se o Romance "Lamenta auzenias do Summo Bem, porque suspira". Estará nele subjacente o conhecimento dos *Suspiros e Saudades de Deus* de Frei António das CHAGAS, obrinha que o autor quase aconselha a "comunicallos a outros" (cf. *Cartas Espirituais (CLXII)*, Lisboa, Miguel Rodrigues, 1736, 246)? Será interessante articular esta temática, tão frequente na literatura monástica feminina, com a fortuna que, em Portugal, teve a tradução castelhana de 1658 dos *Pia Desideria* de Herman HUGO ou a edição de 1687 dos *Desejos Piedosos de Huma Alma Saudosa do seu Divino Esposo Jesu Christo*, da autoria de José Pereira VELOSO, obra composta por quarenta e cinco emblemas distribuídos por três livros e "estritamente dependente" da matriz dos *Pia Desideria*. Sobre a análise da influência de Herman Hugo em Portugal, veja-se o minucioso trabalho de José Adriano de CARVALHO, *As lágrimas e as setas. Os "Pia Desideria", in Via Spiritus*, Ano 2 (1995), 169-201.

⁵⁷ Ver *Clamores do Céu...*, 179-180.

⁵⁸ Vejam-se particularmente os poemas de *Clamores do Céu...*, 159-168.

parece situar-se no género de poesia ecfástica, cultivada nas nossas Academias no tempo de Soror Teresa Juliana⁵⁹ e de que o Romance "A hum Retrato, que se acha no Antecoro do Convento, de huma Imagem de Christo muyto devota, mostrando as suas Santissimas Chagas" é o paradigma.

De morte cor mo mostrays,
 Pallido, e amortecido;
 E de cores eu não mudo,
 Sendo de tudo o motivo.
 Fluctuando a vista em sangue,
 Mo mostrays (...)
 (...)
 Por collar de ouro huma corda
 Muyto bem á carne unido,
 Nas minhas desunioens
 Tem seu significativo.
 (...)
 Essa boca meya aberta
 Parece estar proferindo:
 Olha, Esposa, que mal pagas,
 O quanto me tens devido.
 (...)

Trata-se de facto de uma espécie de descrição do próprio quadro, mas, simultaneamente da lição espiritual extraída pela religiosa da sua contemplação. Daí decorrem muitas vezes a petição, a oração fervorosa, o pedido de salvação.

Quanto à dimensão mística da sua poesia, poderemos talvez dizer que ela se fica pela ânsia de Deus e não resulta de uma particular situação de comunicação com o divino. No entanto, o desejo da morte, como modo de ver a Deus, é frequente na sua obra. Por isso o texto do *Cântico dos Cânticos* constitui uma das matrizes textuais mais trabalhadas.

Esta descrição e apreciação da obra poética de Soror Teresa Juliana de S. Boaventura tornou-se necessária para se poder concluir dos efeitos da sua edição sobre o Convento de Santa Clara e sobre a sua função de Espelho para religiosas e seculares. Emanados da voz de uma religiosa que se teve em grande fama de santidade, estas poesias testemunham dessa santidade e continuam-na pela imitação.

⁵⁹ Sobre este assunto ver a recente e interessante obra de Luís de Moura SOBRAL, *Pintura e Poesia na Época Barroca*, Lisboa, 1994.

Através destas poesias, as duas religiosas cuja obra analisámos e sobre a qual reflectimos, agiram santamente sobre as suas comunidades, exercendo sobre elas, porque movidas pelo amor de Deus, uma acção santa.

Diz-nos a teologia que o Amor autêntico não pode permanecer encerrado, mas antes impulsiona a acção, encarnando-se nela e com ela impulsionando o mundo à acção. E, se o fundamento original de toda a santidade é a santidade de Deus, que se comunica ao homem no Seu amor, deve daí inferir-se que, quanto mais enformadas pelo amor estão as demais virtudes e acções, tanto maior é o grau de maturação na santidade. Nesse sentido, parece poder concluir-se que a inclusão da poesia destas religiosas na sua biografia exemplar de algum modo torna lícita a articulação entre poesia e santidade, que, como julgamos ter demonstrado, estes dois relatos propuseram.

Isabel Morujão

Summary: *Starting from the analysis of the devote biographies of two 18th century nuns which include their production, the author explains such unusual binding of the poetic work in the biographic genre and shows how these two narratives propose a clear articulation between poetry and holiness. It is suggested that the selective perception of the saintly signs at such times was also operated from the perspective of a particular poetic topic.*

